

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DOS CURSOS NO *CORPUS* BERGSONIANO

Henrique Fróes

PPG-FIL Universidade de Brasília

Evaldo Sampaio

Universidade Federal do Ceará

Resumo: Neste artigo procuramos apresentar um panorama da publicação dos cursos do filósofo francês Henri Bergson, iniciada ao final da década de 1980 e ainda inconclusa, e de algumas questões filológicas, metodológicas e hermenêuticas suscitadas por esse material. Em primeiro lugar, fazemos uma breve apresentação da obra publicada e autorizada por Bergson, bem como de sua trajetória enquanto docente. Em seguida, recenseamos todas as publicações dos cursos em língua francesa e discutimos alguns dos problemas filológicos já detectados. Na sequência, abordamos questões como a problemática da autoria dos textos, a suposta impessoalidade do ensino de Bergson, a sua articulação entre pesquisa e ensino, dentre outras. Por fim, apresentamos diferentes visões a respeito da relevância filosófica e das possibilidades de uso desse material.

Palavras-Chave: Henri Bergson, cursos de Bergson, obras de Bergson, ensino de Filosofia.

Abstract: The aim of this essay is to provide an outlook concerning the edition of Henri Bergson's *Seminars*, which has been initiated in the end of the 1980's. For such, we are going to discuss some of the philological, methodological and hermeneutical issues that this material has been raised. Firstly, we organize a brief account of Henri Bergson's published and authorized works followed by some remarks about his teaching career. Then, we enumerate all the seminars that has been published in French so far and indicate some of the philological difficulties that has been pointed out. In the sequence, we approach questions related to the authorship of the texts, the supposed impartiality of Bergson's teaching, his articulation between research and teaching and so on. Finally, we presented different views regarding philosophical relevance and the possibilities of uses of these writings.

Keywords: Henri Bergson, Bergson's seminars, Bergson's works, Philosophy's teaching

“Como é útil ter ouvido Bergson para conhecer melhor as tendências de sua doutrina e compreender melhor seus livros”.

(Georges Sorel)

1. Introdução

Já se passaram mais de três décadas desde a publicação dos primeiros cursos de Henri Bergson (1859-1941) e ainda hoje nos deparamos com uma hesitação recorrente entre os pesquisadores que os impede de lidar – “aberta e plenamente, sem complexos”, com esses escritos¹. O termo “complexo”, aqui, tem um sentido mesmo psicanalítico, pois podemos traçar a origem desse mal-estar na interdição imposta pelo próprio Bergson em seu testamento à publicação desse material, obstáculo que, se já foi superado de fato, permanece simbolicamente ativo.

Trata-se aqui de questionar alguns tabus e enfrentar algumas das resistências que cercam esse material no intuito de estabelecer a sua legitimidade e o seu valor no âmbito do *corpus* bergsoniano. Antes de tudo, é preciso lembrar que a publicação e utilização desse tipo de material não se trata de nenhuma novidade na tradição filosófica. Jacqueline Hamesse afirma que as “reportações” medievais – ou seja, as notas tomadas por ouvintes presentes em um curso ou um sermão – constituem todo um gênero literário à parte.² Tomás de Aquino, Duns Scoto e Guilherme de Ockham são apenas alguns exemplos de filósofos medievais que tiveram notas tomadas por ouvintes posteriormente publicadas. Isso, sem falar, é claro, em parte das obras que conhecemos de Aristóteles, consideradas pela tradição como sendo notas de aulas ministradas pelo Estagirita.³

Mesmo entre os contemporâneos, há exemplos como o *Curso de Linguística Geral*, ponto de ignição da atual ciência da linguagem, cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure, mas cuja redação se deve exclusivamente às notas de seus alunos. Mais recentemente, os seminários do psicanalista francês Jacques Lacan são objeto de uma infundável polêmica: as edições “oficiais”, cujos textos foram estabelecidos pelo seu genro, Jacques-Alain Miller, são alvo de inúmeras críticas desde o lançamento e enfrentam a concorrência de edições não autorizadas que até hoje circulam pela internet.⁴

À primeira vista, esses materiais de segunda mão desprezados pelo próprio Bergson levantam dúvidas tanto sobre a sua autenticidade quanto

¹ PANERO, A; MATTON, S; DELBRACCIO, M., 2014, p. 03. Avant-propos. In: PANERO, A; MATTON, S; DELBRACCIO, M. (orgs.): *Bergson professeur*. Leuven: Peeters, p. 3-13.

² HAMESSE, J. “Les problemes poses par l’edition critique des reportations”. In: *Franciscan Studies*, v. 46, 1986, p. 107-117.

³ Sobre uma discussão acerca da gênese dos textos aristotélicos, cf. GRAYEFF, F. “The problem of the genesis of Aristotle’s text”. In: *Phronesis*, v. 1, 1956, p. 105-122.

⁴ Para uma exposição da edição do Seminário de Lacan e das versões piratas, cf. ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 411-425

sobre a fidelidade do texto ao que foi efetivamente dito. Mas, a despeito dessas questões filológicas, outras barreiras se colocam: para quê embrenhar-se em materiais renegados pelo próprio autor? Não devemos nos ater apenas àquilo que o próprio Bergson escreveu e publicou? Seria a leitura dos cursos realmente relevante para a compreensão do pensamento bergsoniano?

Esse artigo defende que sim e pretende mostrar alguns dos ganhos exegéticos que a leitura dos cursos pode trazer para o pesquisador do pensamento bergsoniano. Pretende também sugerir algumas chaves de leitura e estratégias metodológicas na lida com esses textos – testemunhos redivivos da glória de um ensino que marcou época na França e que fazem ressoar novamente essa voz única que, de acordo com Jacques Chevalier, lhe *revelaram* aquilo que os livros foram incapazes de o fazer compreender e sentir.⁵

2. A obra e a interdição

Longe de ser um autor prolífico, Henri Bergson nos legou, em mais de meio século de vida dedicado à reflexão filosófica, menos de uma dezena de livros publicados. Podemos separar esses escritos, grosso modo, em dois grupos: no primeiro, estão seus principais livros, nos quais Bergson conduz investigações específicas e que expressam seu pensamento da forma mais completa e desenvolvida. São eles: *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), *Matéria e memória* (1896), *A evolução criadora* (1907), *Duração e simultaneidade* (1922)⁶ e *As duas fontes da moral e da religião* (1932). No segundo grupo, estão os livros que reúnem escritos e conferências diversos, de acordo com critérios temáticos mais ou menos amplos: *O riso* (1900), *A energia espiritual* (1919) e *O pensamento e o movente* (1934).

“Nada mais tenho a declarar!”, podemos imaginar a resposta de Bergson diante da sugestão de uma nova obra sob o seu nome. Afinal, em seu testamento, estabelecido em 1937, ele afirmou ter publicado tudo o que teria desejado oferecer ao público para, em seguida, proibir formalmente a edição póstuma de manuscritos, aulas, cursos, conferências e cartas.⁷

⁵ CHEVALIER, J., 1926, p. 3. *Bergson*. Paris: Plon.

⁶ Esse livro foi excluído da edição das *Œuvres* de Bergson, editada em 1959 por André Robinet, atendendo ao desejo expresso pelo próprio Bergson de não continuar a reeditar essa obra (cujo objetivo era polemizar com a Teoria da Relatividade de Einstein) devido à incapacidade dele de acompanhar os desdobramentos matemáticos da questão. Esse desejo foi ignorado quando da publicação das edições críticas posteriores. Sobre o tema, cf. GOUHIER, H., 1972, p. X. Avant-propos. In: BERGSON, H. *Mélanges*. Paris: Presses Universitaires de France, p. VII - XXII.

⁷ Sobre as proibições estabelecidas pelo testamento, cf. GOUHIER, H., 2014, p. IX. Prefácio. In: *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. IX - XVIII.

A primeira edição crítica das obras de Bergson foi realizada por André Robinet e publicada em 1959 sob o título de *Oeuvres*. Seu único volume ficou conhecido como a *Edição do Centenário* e serve até hoje como referência de paginação da obra bergsoniana. Outras três edições críticas seguiram-se a essa: uma, dirigida por Frédéric Worms e publicada pelas *Presses Universitaires de France (PUF)*, reeditou cada obra separadamente com um extenso aparato crítico; outra, mais recente, dirigida por Jean-Louis Vieillard-Baron e publicada pela *Le Livre de Poche*, reuniu todos os livros publicados em dois volumes; por fim, temos a edição em diversos volumes dirigida por Paul-Antoine Miquel para a editora *Garnier Flammarion*.

Em 1957 iniciou-se a publicação dos três volumes de *Écrits et Paroles*, que, respeitando a vontade expressa do filósofo, reuniram escritos de ocasião de Bergson que já haviam sido levados a público pelo próprio autor, como artigos de revista, resenhas e cartas, entre outros.⁸ Outras duas compilações desse material foram publicadas: o mais extenso deles, os *Mélanges*, foram publicados em 1972; já os *Écrits Philosophiques* vieram à luz em 2011, como parte da edição crítica da PUF.

Quanto ao material não autorizado para publicação, a interdição de Bergson não vigorou por muito tempo. Já em 1949, foi publicada uma coletânea de suas cartas enviadas ao escritor Albert Adès, acrescidas de algumas notas manuscritas.⁹ Outras cartas vieram à luz na seqüência, com ou sem a anuência dos responsáveis legais pelo espólio bergsoniano¹⁰, culminando na publicação do volume *Correspondances*, editado por André Robinet. Tais publicações póstumas ganharam um novo vulto quando, na década de 1990, as atenções se voltaram para os cursos ministrados por Bergson ao longo de quase quatro décadas de atividade docente.

3. Trajetória docente

Bergson iniciou a carreira docente bem cedo. Em setembro de 1881, pouco antes de completar 22 anos, ele foi designado para dar aulas na cidade de Angers (oeste da França). Lá, ensinou filosofia na chamada *classe terminale*¹¹

⁸ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 272. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

⁹ ADÈS, E., 1949. *Adès chez Bergson, Reliques inconnues d'une amitié*. Paris: Edição do autor.

¹⁰ GOUHIER, H., 2014, p. XIV. Prefácio. In: *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo : WMF Martins Fontes, p. IX - XVIII.

¹¹ A *classe terminale* é a "classe composta de alunos do ano terminal do *lycée* – que, por sua vez, é o período e o estabelecimento de ensino em que são cursados os três últimos anos do segundo grau. Esse ano terminal encerra-se com exames nacionais, um dos quais é o *baccalauréat* (coloquialmente, bac). *Baccalauréat* é também o diploma e o grau que são outorgados após esse exame e dão acesso

do *lycée David d'Angers* e literatura na *École Supérieure de Jeunes Filles* – instituição dedicada exclusivamente ao ensino de jovens do sexo feminino.¹² Dois anos depois, em 1883, foi transferido para Clermont-Ferrand, tornando-se o professor de filosofia do *lycée Blaise-Pascal*. No ano seguinte, Bergson passou a acumular o ensino secundário com a apresentação de conferências de Filosofia na *Faculté des Lettres* da *Université de Clermont-Ferrand*.¹³ Será nesse período que Bergson redigirá sua tese de doutorado – *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (doravante referida apenas como *Ensaio*) –, considerada sua primeira grande obra.

Em setembro de 1888, Bergson foi novamente transferido, dessa vez para Paris. Após breves passagens por alguns estabelecimentos, ele foi nomeado como professor substituto em outubro de 1890 no *lycée Henri-IV*, onde passou a dar aulas para uma classe mista, que servia ao mesmo tempo de *classe terminale* e de *khâgne*¹⁴. Já como professor titular, a partir de 1893, dedicou-se exclusivamente ao *khâgne*.¹⁵ Em seguida, publicou sua segunda grande obra: *Matéria e memória: ensaio sobre a relação entre o corpo e o espírito*.

Bergson começou a deixar para trás o ensino secundário no final da década de 1890. Após ser duas vezes preterido pela Sorbonne, ele foi enfim nomeado como mestre de conferências na *École Normale Supérieure*¹⁶ em 1888.¹⁷ Dois anos mais tarde, foi eleito para o *Collège de France*¹⁸ (instituição na qual já lecionara como professor substituto em 1897-1898). Primeiramente, Bergson ocupou a cadeira de Filosofia Grega e Latina e, quatro anos depois, a pedido, conseguiu sua transferência para a de Filosofia Moderna.¹⁹ No *Collège de France*

aos estudos superiores." Cf. ABÍLIO, R. C., Nota de rodapé, p. XXI. In: BERGSON, H., 2014. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

¹² MOSSÉ-BASTIDE, R. M., 1955, p. 25. *Bergson éducateur*. Paris: Presses Universitaires de France.

¹³ MOSSÉ-BASTIDE, R. M., 1955, p. 26-27. *Bergson éducateur*. Paris: Presses Universitaires de France.

¹⁴ Khâgne é o "apelido dado à classe (*première supérieure* ou *rhétorique supérieure*) composta de alunos que, após obterem o *baccalauréat*, cursavam nos liceus um ano suplementar de preparação para o ingresso na *École Normale Supérieure*. Cf. ABÍLIO, R. C., Nota de rodapé, p. XXI. In: BERGSON, H., 2014. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo : WMF Martins Fontes.

¹⁵ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 77. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

¹⁶ Criada em 1794, a *École Normale Supérieure* tinha, a princípio, o objetivo de formar professores de ensino secundário e de algumas faculdades. Logo tornou-se uma instituição de formação da elite científica e cultural francesa, almejada principalmente por aqueles que desejavam seguir carreira no governo ou no mundo acadêmico. Cf. ABÍLIO, R. C., Nota de rodapé, p. XXI. Em: BERGSON, H., 2014. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo : WMF Martins Fontes

¹⁷ MOSSÉ-BASTIDE, R. M., 1955, p. 64. *Bergson éducateur*. Paris: Presses Universitaires de France

¹⁸ Fundado em 1530, o *Collège de France* é uma das mais prestigiadas instituições de pesquisa científica da França. Segundo o site da instituição, ele responde à dupla vocação de ser o espaço da pesquisa mais audaciosa (em artes, ciências e letras) e de seu ensino. Cf. FRANCE, C. D. Disponível em: <<http://www.college-de-france.fr/site/institution/index.htm>>. Acesso em: 19 Julho 2020.

¹⁹ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 95. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

ele desenvolveu o seu ensino até 1914 e alcançou o auge de sua popularidade. Nesse período, publicou aquela que é considerada a sua obra mais importante: *A evolução criadora*.

Assim, podemos dividir essa experiência docente em duas vertentes: a primeira delas, que denominaremos *programática*, reúne principalmente os cursos ministrados no ensino secundário, submetidos às exigências do programa oficial do sistema educacional francês.²⁰ Os dois currículos que vigoraram durante o ensino secundário de Bergson (o de 1880 e o de 1885) eram de caráter essencialmente espiritualista e previam aulas de Psicologia, Lógica, Moral e Metafísica, bem como de História da Filosofia.²¹

Os cursos secundários de Bergson testemunham um rico período da filosofia francesa no qual essa organizava-se em torno da *classe terminale*, sendo a formação superior voltada essencialmente para o treinamento de professores que iriam lecionar nos *lycées* e colégios.²² Assim como Bergson, outros importantes filósofos do período seguiram a carreira de docente secundarista: Léon Brunschvicg, Alain, Édouard Le Roy, André Lalande, dentre outros. Nesse contexto, os cursos secundários publicados representam, segundo Philippe Solez, documentos “capitais” para os historiadores de ideias no tocante à história do espiritualismo francês. Isso porque “nós temos aí a síntese muito brilhante, feita por um espírito distinto, daquilo que há de melhor no ensino dos mestres do espiritualismo francês (Jouffroy, Ravaisson, Ollé-Laprune, Paul Janet, Boutroux)”.²³

Ainda como parte do ensino *programático* de Bergson, incluímos os cursos ministrados na *Université de Clermont-Ferrand* e na *École Normale Supérieure*. Mesmo que Bergson não estivesse nesses casos submetido a currículos tão estritos tais quais os vigentes no ensino secundário, ainda assim esperava-se dos professores nesse nível de ensino que preparassem seus alunos para os concursos e exames que lhes esperavam ao final do curso, no caso, a disputada *agrégation*²⁴ ou os exames obrigatórios para a obtenção do grau de licenciatura

²⁰ Nas classes de *khâgne* seguia-se o mesmo currículo das *classes terminales*, mas com uma abordagem mais aprofundada dos temas. Cf. HUDE, H., 1992, p. 6. Introduction. In: BERGSON, H., 1992. *Cours II: Leçons d'esthétique à Clermont-Ferrand. Leçons de morale, psychologie et métaphysique au lycée Henri-IV*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 5-13.

²¹ Sobre as mudanças nos programas de filosofia no ensino francês, Cf. VERDEAU, P. (2012). “Le programme de philosophie (en terminale) entre la déférence et la recherche: esprit d'une époque: Approche d'une histoire des programmes de philosophie (Première partie)”. In: L'enseignement philosophique, 62A, p. 28-55

²² FABIANI, J.-L., 1988, p. 9. *Les philosophes de la république*. Paris: Les éditions de minuit.

²³ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 64. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

²⁴ O concurso de *agrégation* é até hoje realizado nacionalmente na França e seus aprovados são considerados aptos para o exercício do magistério nos *lycées* (e em algumas faculdades).

em Letras²⁵. De acordo com Jean-Luis Fabiani, o modo como essas seleções eram realizadas – com a exigência dos candidatos em apresentar composições/dissertações tanto sobre filosofia dogmática quanto sobre história da filosofia – era similar e “a repetição das mesmas questões sobre os mesmos autores e a reiteração de uma abordagem idêntica contribuíram para dotar todos os filósofos universitários da época de uma mesma organização mental (sistema de referências, estoque de citações, etc.)”.²⁶ Assim, o ensino de Bergson na *Faculté des Lettres* da *Université de Clermont-Ferrand*, dividido em dois encontros semanais, espelha a mesma divisão dos exames oficiais: um de exposição dogmática, outro de exposição histórica. Já na *École Normale Supérieure*, Bergson parece ter sentido “na pele” o peso desse constrangimento: de acordo com o testemunho de Émile Bréhier, o pouco sucesso que suas aulas obtinham junto aos alunos devia-se ao fato dele afastar-se demasiado dos programas oficiais, o que era visto como um prejuízo na preparação para a *agrégation*.²⁷

A outra vertente do ensino bergsoniano engloba o período docente no *Collège de France* e que denominaremos de cursos *libres*. A liberdade, nesse caso, envolvia diferentes aspectos da prática educacional *sui generis* desenvolvida na instituição. Os cursos ofertados eram abertos ao público em geral, sem exigência de nenhum tipo de pré-requisitos. A frequência era espontânea e não gerava obrigações ou vínculos institucionais: não havia diplomas, certificados ou graus para se obter. Tal sistema oferecia uma série de vantagens práticas aos docentes. Como bem descreve Rose-Marie Mossé-Bastide, o ensino que ali se praticava era bastante conveniente a Bergson, “com seu pequeno número de horas de aula (duas por semana), a ausência de tarefas pedagógicas como as de corrigir deveres ou de obter a aprovação dos

²⁵ No período em que Bergson lecionou na *Faculté des Lettres* da *Université de Clermont-Ferrand*, a licenciatura em Letras era obtida somente com a aprovação nos exames. Esses eram compostos por provas comuns (*épreuves communes*) e provas específicas (*épreuves spéciales*), no qual o candidato optava por sua área de especialização: Filosofia, História ou Letras. Havia avaliações escritas e orais. As provas específicas de Filosofia eram semelhantes àquelas aplicadas na *agrégation*. exigia-se uma composição sobre uma questão de filosofia e outra sobre história da filosofia. Cf. LANGLOIS, 1893. La licence ès lettres. In: *Revue internationale de l'enseignement*, v. 25, jan-jun, 1893, p. 133-156. A legislação sobre os exames para a obtenção da licenciatura está disponível em MARCHAND, P. (Ed.). L'histoire et la géographie dans l'enseignement secondaire, p. 466. *Textes officiels*. Tome 1: 1795-1914. Paris: Institut national de recherche pédagogique, v. Bibliothèque de l'Histoire de l'Éducation, 8, 2000.

²⁶ FABIANI, J.-L., 1988. *Les philosophes de la république*, p.57. Paris: Les éditions de minuit.

²⁷ O testemunho de Émile Bréhier é reproduzido em MOSSÉ-BASTIDE, M., 1955. *Bergson éducateur*, p. 39. Paris: Presses Universitaires de France.

alunos nos exames, enfim, com a inteira liberdade na escolha dos assuntos a tratar.²⁸

Os cursos *livres* de Bergson se apresentam sob a forma de um díptico, cada um deles consistindo em uma aula semanal de 1h de duração. Em um deles, voltado propriamente à História da Filosofia²⁹, Bergson dedica-se a comentar obras de grandes filósofos (no todo ou em partes). O rol de autores escolhidos é bem restrito: por três vezes, ele escolhe textos de Spinoza; em duas, seleciona escritos de Aristóteles, Plotino, Spencer e Berkeley; em apenas uma, opta por Alexandre de Afrodísia (comentador do Estagirita). O outro curso era consagrado à análise de um problema específico: *a ideia de tempo, as teorias da vontade, a formação e o valor das ideias gerais* são alguns exemplos de temas escolhidos.

O ensino de Bergson no *Collège de France* transcende o interesse filosófico e educativo imediato, na medida em que suas aulas se tornaram uma espécie de evento cultural de Paris. São diversos os registros dessa verdadeira *bergsonmania*: jornais testemunham em fotos e textos o auditório lotado, as tentativas dos que não conseguiam lugar de assistir ao mestre pelas janelas, a presença do *grand-monde* (cujos criados chegavam com horas de antecedência para guardar lugar), etc. Bergson torna-se, nas palavras do jornal *Le Figaro*, um filósofo da moda.³⁰ O que esse ensino nos diz sobre a cultura e a mentalidade francesa da época? O que havia nesses cursos que encontrava tanta receptividade nos seus contemporâneos, a ponto de, como nos diz François Azouvi, ter havido um momento na França em que o bergsonismo coloriu toda a cultura?³¹ Com a recente edição dos cursos, passamos a ter acesso a elementos fundamentais para tentar responder a essas indagações.

4. A edição dos Cursos e seus problemas filológicos

Os cursos *programáticos* de Bergson vieram primeiramente à luz pela edição pioneira de Henri Hude realizada na década de 1990. São quatro volumes de uma série denominada *Cours*. Provém daí dois dos volumes de

²⁸ MOSSÉ-BASTIDE, R. M., 1955. *Bergson éducateur*, p. 64 (tradução nossa). Paris: Presses Universitaires de France.

²⁹ É assim que o próprio Bergson refere-se a esse curso: "Professor no Collège de France, consagro um de meus dois cursos, todos os anos, à história da filosofia." Cf. BERGSON, H. A intuição filosófica. In: *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 123-148.

³⁰ AZOUVI, F. *La gloire de Bergson*, p. 13-14. Paris: Gallimard, 2007.

³¹ AZOUVI, F. *La gloire de Bergson*, p.16. Paris: Gallimard, 2007.

cursos traduzidos e publicados na íntegra aqui no Brasil³², ambos pela editora Martins Fontes (as *Aulas de psicologia e de metafísica* e os *Cursos sobre a filosofia grega*, os quais correspondem, respectivamente, aos volumes I e IV do original francês).

Outras edições dos cursos *programáticos* foram publicadas já no século atual, utilizando fontes diversas das de Hude. É o caso dos dois volumes intitulados “*leçons clermontoises*” estabelecidos por Renzo Raghianti para a Editora L’Harmattan, bem como dos três volumes editados por Sylvain Matton e publicados pela Editora Archè. Há também uma coleção de extratos de aulas selecionados por Jean Bardy que fazem parte do livro *Bergson professeur – au lycée Clermont-Ferrand (1885-1886)*.

Ainda no âmbito dos cursos *programáticos*, já foram publicados um conjunto de aulas sobre a obra *O destino do homem*, de Fichte, outro sobre o *De rerum originatione radicali*, de Leibniz, e um curso geral sobre Plotino, todos do período de docência na *École Normale Supérieure*. Dos cursos *livres*, há edições daqueles dedicados à “*L’idée de temps*”, “*Histoire de l’idée de temps*”, “*L’évolution des théories de la mémoire*” e “*L’évolution du problème de la liberté*”.³³ Em 2022, foi publicada pela Editora Unesp a primeira tradução desse material no Brasil: *A ideia de tempo – Curso no Collège de France (1901-1902)*.

A tabela a seguir reúne os cursos de Bergson já publicados em língua francesa.³⁴ Indicamos (i) o ano de publicação, (ii) o título, (iii) os conteúdos, (iv) o período/ano/ instituição nos quais os cursos foram lecionando e (v) as fontes documentais que serviram de base para a edição dos textos. Nos casos em que haja uma divergência de informação, como se mostrará adiante, indicaremos entre parênteses as hipóteses alternativas propostas posteriormente à edição da obra.

Tabela 1: As edições originais dos cursos de Bergson

Ano	Título	Conteúdo	Instituição/ Período/Ano	Fontes documentais
1988	<i>Fichte, Cours d’Octave Hamelin, Cours de Henri Bergson</i>	Curso sobre <i>O destino do homem</i> , de Fichte	<i>École Normale Supérieure</i> 1898	Manuscrito Roustan

³² Até onde temos conhecimento, apenas uma tradução parcial dos cursos foi publicada em revistas especializadas brasileiras. Cf. CAPPELLO, M. A. C. Aula de Bergson ‘As teorias da Alma em Descartes’, *Lycée Henri-IV*, 1894. In: *Dissertatio*, v. Suplementar 4, n. Dossiê Bergson, p. 223-243, Dezembro 2016.

³³ A edição de um dos cursos do *Collège de France* dedicados a Berkeley deve fechar a série de publicações da PUF. Cf. RONCHI, R. Six questions à Arnaud François et Camille Riquier. *Lo Sguardo*, v. 26, setembro 2018.

³⁴ Deixamos de fora dessa lista extratos de cursos publicados separadamente, tal como os que vieram à luz na coleção *Annales bergsoniennes*, tomos I e II, e que foram publicados posteriormente na íntegra.

1990	<i>Cours, t. I: Leçons de psychologie et de métaphysique</i>	1. Curso de Psicologia	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> 1887-1888 (1885/1886)	Coleção datilografada Désaynard
		2. Curso de metafísica	<i>Lycée Blaise-Pascal (Lycée Blaise-Pascal e Université de Clermont-Ferrand)</i> 1887-1888 (?)	
1992	<i>Cours, t. II: Leçons d'esthétique à Clermont-Ferrand, Leçons de morale, psychologie et métaphysique au lycée Henri-IV</i>	1. Introdução Geral ao curso de Filosofia	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> 1887-1888 (1885/1886)	Coleção datilografada Désaynard
		2. Lições de Estética	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> 1887-1888	Coleção datilografada Désaynard
		3. Curso de Filosofia Moral e Política	<i>Lycée Henri IV</i> 1891-1893	Manuscrito Roustan
		4. Curso de Psicologia	<i>Lycée Henri IV</i> 1892-1893 (1893/1894)	Manuscrito Vacher
		5. 3 lições de Metafísica	<i>Lycée Henri IV</i> 1892-1893	Manuscrito Roustan
1995	<i>Cours, t. III: Leçons d'histoire de la philosophie moderne, Théories de l'âme</i>	1. Algumas lições complementares de filosofia e de história da filosofia	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> 1885-1886	Coleção datilografada Désaynard
		2. Lições de história da filosofia moderna e contemporânea	<i>Lycée Henri IV</i> 1893-1894	Manuscrito Vacher ³⁵
		3. Lições sobre a <i>Crítica da Razão Pura</i>	<i>Lycée Henri IV</i> 1893-1894	Manuscrito Vacher
		4. As teorias da alma no Liceu Henri-IV	<i>Lycée Henri IV</i> 1894 (1893/1894)	Manuscrito Vacher
1998	<i>Bergson professeur, au lycée Blaise Pascal de Clermont-Ferrand (1883-1888), Cours 1885-1886, Essai sur la nature de l'enseignement philosophique initial</i>	1. Extratos do Curso de Psicologia	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> 1885-1886	Manuscrito Estival
		2. Extratos do Curso de Metafísica	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> 1885-1886	
		3. Extratos do Curso de História da Filosofia	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> 1885-1886	

³⁵ A origem do texto não está indicada na Introdução escrita por Henri Hude, mas é apontada na Bibliografia dos cursos de Bergson organizada por Sylvain Matton. O mesmo vale para as "*Lições sobre a Crítica da Razão Pura*", contidas no mesmo volume. Cf. MATTON, S. *Bibliographie des Cours de Bergson*, p. 304. In: PANERO, A. . M. S. . D. M. *Bergson Professeur*. Louvain-la-neuve: Peeters, 2014. p. 299-306.

2000	<i>Cours, t. IV: Cours de Bergson sur la philosophie grecque</i>	1. Curso sobre Plotino	<i>École Normale Supérieure</i> provavelmente 1898-1899	Manuscrito VC 348 ³⁶
		2. A filosofia grega	<i>Lycée Henri IV</i> 1894-1895 (1893/1894)	Manuscrito Vacher
		3. História da filosofia	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> provavelmente 1884	Coleção datilografada Désaymard
		4. História da filosofia grega	<i>Université de Clermont-Ferrand</i> 1884-1885	Caderno Preto
2003	<i>Leçons Clermontoises, t. I</i>	1. Curso de Lógica	<i>Lycée Blaise Pascal</i> 1885-1886	Manuscrito Estival
		2. Curso sobre Moral		
		3. Curso sobre Economia política		
		4. Curso de Metafísica		
		5. Curso de Estética		
		6. Classificação dos sistemas filosóficos		
2006	<i>Leçons Clermontoises, t. II</i>	1. História da Filosofia	<i>Lycée Blaise Pascal</i> 1885-1886	Manuscrito Estival
		2. Apêndice: Lógica	<i>Lycée Blaise Pascal</i> 1885-1886	Coleção datilografada Désaymard
		3. Apêndice: Extratos dos cursos de: Introdução, Psicologia, Metafísica, Lógica, Moral. Lições complementares	<i>Lycée Blaise Pascal</i> 1886/1887	Manuscrito Achard
		4. Apêndice: Extratos dos cursos de: Psicologia, Metafísica, Complementos	<i>Lycée Blaise Pascal</i> 1887/1888	Manuscrito Cotton
2007	<i>Cours de Bergson sur le De rerum originatione radicali de Leibniz</i> . In: <i>Annales bergsoniennes</i> , III	Curso sobre <i>De rerum originatione radicali</i> , de Leibniz	<i>École Normale Supérieure</i> 1898	Manuscrito Roustan
2008	<i>Cours de psychologie de 1892-1893 au lycée Henri-IV</i>	1. Curso de Psicologia de 1892-1893	<i>Lycée Henri-IV</i> 1892-1893	Manuscrito Debidour
		2. 2 lições inéditas do Curso de Psicologia de 1893-1894	<i>Lycée Henri-IV</i> 1893-1894	

³⁶ Mais uma vez, é o caso de Henri Hude não indicar a origem do texto; usamos então como fonte a bibliografia estabelecida por Sylvain Matton. O número faz referência à coleção de manuscritos depositada na bibliothèque Victor-Cousin, da Sorbonne. Seu registro pode ser consultado no endereço eletrônico <http://www.calames.abes.fr/pub/#details?id=UNIC13023>. Acessado em 30 de junho de 2020.

2010	<i>Cours de morale, de métaphysique et d'histoire de la philosophie moderne de 1892-1893 au lycée Henri-IV</i>	1. Curso de Moral	<i>Lycée Henri-IV</i> 1892-1893	Manuscrito Valière
		2. Curso de Metafísica		
		3. Curso de História da Filosofia Moderna		
2010	<i>Cours de philosophie de 1886-1887 au lycée Blaise-Pascal de Clermont-Ferrand.</i>	1. Curso de Moral	<i>Lycée Blaise-Pascal</i> 1886-1887	Manuscrito Canteloube de Marmies
		2. Curso de Metafísica		
		3. Curso de História da Filosofia		
2016	<i>Histoire de l'idée de temps. Cours au Collège de France 1902-1903</i>	Curso sobre A História da ideia de tempo	<i>Collège de France</i> 1902-1903	Notas taquigráficas
2017	<i>L'évolution du problème de la liberté. Cours au Collège de France 1904-1905</i>	Curso sobre A evolução do problema da liberdade	<i>Collège de France</i> 1904-1905	Notas taquigráficas
2018	<i>Histoire des théories de la mémoire. Cours au Collège de France 1903-1904</i>	Curso sobre História das teorias da memória	<i>Collège de France</i> 1903-1904	Notas taquigráficas
2019	<i>L'idée de temps. Cours au Collège de France 1901-1902</i>	Curso sobre A ideia de tempo	<i>Collège de France</i> 1901-1902	Notas taquigráficas/ Manuscrito Psychari

As três décadas decorridas desde a publicação dos primeiros cursos já fizeram emergir algumas questões de cunho filológico envolvendo esse material. Uma dessas refere-se à datação dos cursos de Clermont-Ferrand publicados por Henri Hude com base na coleção Désaynard. Esse material – dois grossos volumes datilografados que foram entregues por Joseph Désaynard a Jean Guitton na década de 1940 – não vem de uma fonte direta: na melhor das hipóteses, é a cópia datilografada das anotações de algum aluno (Désaynard, apesar de ser um entusiasta de Bergson, não havia assistido a suas aulas). Guitton havia datado a cópia (1888/1889) de acordo com o testemunho de Désaynard. No entanto, Hude estima que a data correta dos cursos seja um pouco anterior (1887/1888). Essa hipótese se funda no argumento pouco convincente de que Bergson somente teria lido Hirn (autor que lhe teria levado a modificar seu entendimento sobre a natureza íntima do calor) em 1888.³⁷

No entanto, de acordo com Renzo Raguanti, a comparação do material publicado por Hude com o manuscrito Estival (esse, escrito diretamente por um único aluno, com comentários de próprio punho de Bergson) mostra uma semelhança quase total entre os dois textos (à exceção de pequenas alterações estilísticas) no tocante ao *Curso de Psicologia* e à *Introdução*

³⁷ HUDE, H. Introdução, p. XXVI. In: BERGSON, H. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p. XIX - XXXIV.

Geral.³⁸ Tal fato, somada à evidência de que Bergson já conhecia o trabalho de Hirn em 1885, leva Raghianti a defender a hipótese de que esse material editado por Hude deveria ser datado como sendo do período 1885/1886 – descartando, de antemão, a hipótese de que ele tenha praticamente repetido o mesmo curso em anos diferentes, dada, como veremos, a sua característica de improvisar as aulas.³⁹

Outro problema concerne ao *Curso de Metafísica* publicado no *Cours I*. Ainda de acordo com Raggiuanti, a comparação desse com o manuscrito Estival revela uma diferença significativa, tanto na estrutura das lições quanto no seu conteúdo. Diante disso, ele levanta a hipótese de que o material da coleção Désaynard seria uma compilação tanto de notas do *Curso de Metafísica* ministrado no *lycée Blaise-Pascal* quanto do ensino de Bergson na *Université de Clermont-Ferrand*.⁴⁰ Tal hipótese, se confirmada, tornaria ainda mais problemática a confiança na coleção Désaynard.

Por último, há a questão referente a datação dos manuscritos Vacher e Roustan, que serviram de base para as edições de Hude dos cursos ministrados no *lycée Henri-IV*. Na ausência de datação, Hude supôs para eles o ano escolar de 1892/1893.⁴¹ No entanto, segundo Sylvain Matton, o material editado por Hude pertence na realidade ao período de 1893/1894, já que, ao ser comparado a um dos volumes dos manuscritos Debidour, mostra-se praticamente idêntico, sendo que esse volume está corretamente datado.⁴²

Do ponto de vista do conteúdo, tais questões filológicas se tornam menores diante do problema da “autoria” desses cursos. Podemos atribuí-los diretamente a Bergson, mesmo não sendo ele o responsável direto pela escrita desses textos?

5. O problema da autoria

Constituindo a parte mais recente de textos publicados sob o nome de Bergson, os cursos ainda são objeto de discussão sobre o seu estatuto e o

³⁸ RAGGHIANI, R. Avant-propos, p. 15. In: RAGGHIANI, R. *Leçons Clermontoises I*. Paris: L'Harmattan, 2003. p. 9-19.

³⁹ RAGGHIANI, R. Avant-propos, p. 16-17. In: RAGGHIANI, R. *Leçons Clermontoises I*. Paris: L'Harmattan, 2003. p. 9-19.

⁴⁰ RAGGHIANI, R. Avant-propos, p. 18-19. In: RAGGHIANI, R. *Leçons Clermontoises I*. Paris: L'Harmattan, 2003. p. 9-19

⁴¹ HUDE, H., 1992., p. 8 Introduction. In: BERGSON, H. *Cours II: Leçons d'esthétique à Clermont-Ferrand. Leçons de morale, psychologie et métaphysique au lycée Henri-IV*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 5-13.

⁴² MATTON, S., 2015, p. 45. Note sur le manuscrit et la datation du Cours de psychologie de 1892-1893. In: BERGSON, H. *Cours de psychologie de 1892-1893 au lycée Henri-IV*. Paris: Séha, p. 39-54.

seu lugar no conjunto da obra bergsoniana. Farão eles parte mesmo da obra, apesar de não serem escritos de próprio punho e terem sua divulgação interdita pelo “autor”? Poderão ser equiparados às quatro grandes obras como expressões máximas da filosofia de Bergson? Merecerão um lugar à parte, distintos tanto dessas como dos escritos de ocasião?

Ao buscar indicar os materiais inéditos a constituírem uma futura “Obras Completas” de Bergson, André Robinet parece rejeitar a inclusão dos cursos.⁴³ Ele os considera “interessantes” e reconhece que, de maneira geral, possuem relação direta com as obras de Bergson, possibilitando a apreciação da adaptabilidade oral do discurso bergsoniano. Mas o problema encontra-se na sua origem textual, ou seja, no fato de serem registros feitos por estenógrafos ou por ouvintes que transcreviam à mão uma exposição oral. Por isso, “(...) tais volumes só podem ser considerados como letra autêntica se nós dispusermos do manuscrito original de referência.”⁴⁴

Tais manuscritos, detalha Robinet, poderiam ser rascunhos ou cópias que fazem referência aos cursos e que serviriam de material de apoio para a pronúncia oral, sejam textos mais desenvolvidos ou apenas indicações gerais.⁴⁵ No entanto, Bergson tinha como uma de suas principais características a fala livre, improvisada, sem o auxílio de notas. Em testemunho a Jean Guittou, ele relatou que, no início de sua carreira docente, exercitou-se a ditar suas aulas sem o apoio de notas. “Falar dessa maneira proporciona um prestígio fácil”, reconheceu.⁴⁶ Esse costume manteve-se durante toda a sua carreira, como atesta a descrição de Tancrède de Visan sobre os cursos ministrados no *Collège de France*: “Bergson falava sem notas, sem nenhum papel, ora amassando um pequeno lenço, ora apertando as mãos.”⁴⁷ Assim, pouca esperança há de encontrar esse material que “autentique” as anotações nos quais os cursos publicados se baseiam. Desse modo, os cursos – salvo os que conseguissem passar pelo crivo de um manuscrito – não deveriam, de acordo com o critério proposto por Robinet, ser incluídos em uma futura coleção das obras completas de Bergson.

Se os cursos não são “letra autêntica” de Bergson, como devemos nos referir a eles? Henri Gouhier nos alerta que seria errôneo apresentar

⁴³ ROBINET, A., 2002, p. 270-273. L'oeuvre de Bergson: et maintenant? In: F. WORMS, ed. *Annales bergsoniennes I*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 267-278.

⁴⁴ ROBINET, A., 2002, p. 273. L'oeuvre de Bergson: et maintenant? (tradução nossa). In: F. WORMS, ed. *Annales bergsoniennes I*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 267-278.

⁴⁵ ROBINET, A., 2002, p. 272. L'oeuvre de Bergson: et maintenant?. In: F. WORMS, ed. *Annales bergsoniennes I*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 267-278.

⁴⁶ GUITTON, J., 1960, p. 66. La vocation de Bergson (tradução nossa). Paris: Gallimard.

⁴⁷ DE VISAN, T., 1911, p. 427. *L'attitude du lyrisme contemporain* (tradução nossa). Paris: Mercure de France.

trechos desses antecédidos por expressões tais como “Bergson escreveu...” ou “Bergson disse...”. Para ele, a fórmula exata seria “Bergson teria dito...”⁴⁸. Tal fórmula destaca propriamente a incerteza que paira sobre esses textos: teria Bergson realmente dito isso?

Os indícios que temos tendem a fornecer uma resposta parcialmente positiva à pergunta. No que refere-se aos cursos cuja fonte são anotações manuscritas dos alunos, há que se considerar o estilo da fala de Bergson enquanto professor. Um ex-aluno do *lycée Henry-IV*, Julian Luchaire, assim descreveu suas aulas: “Ele falava de forma clara sem se utilizar de notas, às vezes durante duas horas, sem uma hesitação, sem uma repetição, lentamente, de forma que nós podíamos anotar tudo abreviando as palavras”⁴⁹. O fato de termos três cadernos de notas de alunos com textos praticamente idênticos (manuscritos Vacher, Roustan e Debidour) reforçam essa facilidade de anotação que a fala de Bergson proporcionava. Quanto aos cursos baseados em notas taquigráficas, devemos ter ainda mais confiança na correspondência entre as anotações e o que teria sido realmente dito por Bergson.

Diante do exposto, julgamos poder confiar – na medida do possível – na fidelidade e na confiabilidade dos originais que serviram à edição dos cursos. Podemos, assim, passar para uma próxima pergunta: o que há de verdadeiramente bergsoniano nesses cursos? Seriam eles uma legítima e relevante expressão do pensamento próprio de Bergson ou apenas um conteúdo despersonalizado, mero cumprimento de obrigações docentes, deliberadamente dissociados de sua própria filosofia?

6. Um ensino impessoal?

São raros os testemunhos de Bergson sobre o seu ensino. O mais citado dentre eles encontra-se no livro *La vocation de Bergson*, escrito por Jean Guitton, considerado um de seus discípulos mais fiéis. Bergson teria lhe aconselhado a não gastar muito tempo na preparação de seus cursos para a *classe terminale*, pois:

Você se cansará sem motivo e ainda os prejudicará [os alunos]. Nós somente ensinamos bem as matérias sobre as quais não desenvolvemos uma prospecção e pesquisa próprias, no qual transmitimos as verdades tradicionais – aquelas que,

⁴⁸ GOUHIER, H., 2014, p. XVI. Prefácio. In: *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. IX - XVIII.

⁴⁹ LUCHAIRE, 1943 *apud* MOSSÉ-BASTIDE, R. M., 1955, p. 35. *Bergson éducateur* (tradução nossa). Paris: Presses Universitaires de France.

segundo Descartes, são um consenso entre a maioria dos sábios. Eu sempre tive como máxima, mesmo no Collège [de France], de não extrair das minhas pesquisas do momento o tema direto dos meus cursos. Imagine então fazê-lo quanto aos jovens de 16 anos!⁵⁰

Esse testemunho é quase sempre lembrado nas discussões sobre o estatuto dos cursos bergsonianos. Lido de forma isolada, tal testemunho apontaria para as seguintes concepções e práticas docentes de Bergson: 1) a preparação em excesso do professor para as aulas do ensino secundário não só é desnecessária como pode ser até nociva (e, sendo assim, Bergson pouco se prepararia) ; 2) deve-se oferecer aos alunos o ensino dos conteúdos já estabelecidos e consensuais; 3) deve-se evitar o ensino de temas nos quais o professor esteja desenvolvendo pesquisas próprias (atitude que teria sido adotada por Bergson não só nos liceus como até mesmo no *Collège de France*).

Em que pese tal testemunho ter sido dado quando Bergson já não mais desempenhava suas atividades docentes, no próprio livro de Guitton encontramos afirmações que ajudam a nuançar o testemunho anterior. A aparente “displacência” no preparo das aulas, por exemplo, revela-se muito mais como um método escolhido deliberadamente por um professor que já se sente suficientemente preparado para tal:

Eu não gastava muito tempo na preparação das minhas aulas. Dez minutos antes eram suficientes. Isso porque eu já tinha muita leitura para animar minhas aulas. E também porque eu havia notado que essa fala mais solta interessava mais aos alunos que uma lição longamente preparada.⁵¹

Já o suposto ensino despersonalizado da tradição, nas próprias palavras de Bergson, também comportava aberturas para as contribuições pessoais, como se depreende do seguinte trecho:

Meu curso sobre Moral não apresentava a minha moral; pois o meu método consistia em dizer aos alunos aquilo que eu sabia ser absolutamente certo e a lançar como hipótese aquilo que também considerava ser ainda uma hipótese. Em suma, é preciso combinar o dogmatismo necessário ao ensino com as sugestões pelos flancos.⁵²

⁵⁰ GUITTON, J., 1960, p. 66-67. *La vocation de Bergson* (tradução nossa). Paris: Gallimard

⁵¹ GUITTON, J., 1960, p. 67. *La vocation de Bergson* (tradução nossa). Paris: Gallimard

⁵² GUITTON, J., 1960, p.68. *La vocation de Bergson* (tradução nossa). Paris: Gallimard

O testemunho de Bergson nos dá as coordenadas sobre o que esperar do seu ensino secundário: um professor consciencioso de suas obrigações escolares, que aderiria escrupulosamente ao currículo oficial e aos conteúdos tradicionais, mas que se permitia vez ou outra especular sobre determinados pontos, “dar asas” a seus próprios pensamentos. Para Camille Riquier, essas sugestões pelos flancos nos permitem vislumbrar “um pensamento original em vias de se construir.”⁵³

Mas, o mesmo Riquier considera que, apesar desses momentos de originalidade, os cursos publicados representam sobretudo o ensino que um excelente professor da 3ª República era capaz de oferecer. No melhor dos casos, esse material nos revela o conhecimento que Bergson possuía dos autores clássicos e das correntes filosóficas que ele expunha em suas aulas. Para Riquier, Bergson professor de *lycée* não só não é necessariamente bergsoniano, como recusa-se a sê-lo.⁵⁴

Estranha afirmação essa – a de um Bergson não-bergsoniano – alvo de uma severa crítica de Sylvain Matton que achamos pertinente reproduzir:

Mas o que significa dizer que ele se recusa a ser bergsoniano? Que ele dissimula seu pensamento próprio e se limita a expôr de maneira neutra, sem tomar posição, os problemas filosóficos e a história dos sistemas? É preciso não ter lido, ou ter lido mal, os cursos do *lycée* para acreditar nisso. Esses são sempre críticos e, sobre cada questão filosófica do programa, o professor expressa sempre - mesmo sem desenvolvê-la - sua opinião pessoal, seu pensamento próprio, original ou não, no momento do curso. Se assim não fosse, ele seria um verdadeiro filósofo?⁵⁵

Uma tentativa de resolver a controvérsia passa, primeiro, por uma reformulação da pergunta lançada por Matton: o que seria um verdadeiro filósofo? Para Bergson, é, de maneira sucinta, aquele que intui uma verdade – em si mesma inexprimível – mas que se esforça por expressá-la em meio às constrições a que está submetido – o conjunto do conhecimento científico de sua época, os problemas filosóficos herdados e as soluções até ali dadas, os

⁵³ RIQUIER, C., 2016. Présentation (tradução nossa). In: BERGSON, H. *Histoire de l'idée de temps. Cours au Collège de France 1902 -1903*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁵⁴ RIQUIER, C., 2016. Présentation. In: BERGSON, H. *Histoire de l'idée de temps. Cours au Collège de France 1902 -1903*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁵⁵ MATTON, S., 2017, p. 66. Remarques critiques sur l'édition du cours de Bergson au Collège de France sur l'Histoire de l'idée de temps (1902-1903) (tradução nossa). In: *Kritikon Litterarum*, Volume 44, p. 60-77.

limites da linguagem, etc: “um filósofo digno desse nome nunca disse mais que uma única coisa: e, mesmo assim, antes procurou dizê-la do que a disse verdadeiramente.”⁵⁶

Essa intuição fundamental tem uma particularidade: ela se revela primeiramente como uma negação, uma oposição intuitiva às ideias correntemente aceitas. Diz Bergson: “Acaso não é visível que a primeira manobra do filósofo, quando seu pensamento ainda está pouco seguro e nada há de definitivo em sua doutrina, consiste em rejeitar certas coisas definitivamente?”⁵⁷ Cronologicamente, sabemos que a intuição fundamental da duração – ideia-matriz da filosofia bergsoniana – revelou-se ao próprio Bergson nos anos de docência em Clermont-Ferrand.⁵⁸ Assim, seria natural esperar que, nesses período, observássemos o jovem filósofo expressando o seu pensamento mais por meio de recusas do que por meio de afirmações. É o que observa-se, por exemplo, nas *Aulas de psicologia e de metafísica*, em posições que se manterão constantes nas obras de Bergson: a crítica à psicofísica e à lei de Fechner⁵⁹; a rejeição tanto do mecanicismo⁶⁰ quanto das concepções deterministas da liberdade humana.⁶¹

Assim, tendemos a concordar com Matton e considerar que Bergson não se abstem nos cursos ministrados nos *lycées* de tomar partido sobre as questões filosóficas impostas pelo currículo, dados, naturalmente, os limites de desenvolvimento dos argumentos perante um público de jovens secundaristas e também o desenvolvimento dessas questões para si próprio. Seria anacrônico esperar que o então jovem professor de liceu já tivesse elaborado de forma aprofundada suas próprias ideias sobre Lógica, Metafísica, Psicologia, Moral, a partir de sua intuição fundamental da duração. Tal anacronismo deve ser evitado principalmente, como vimos, no que se refere ao período docente dispendido em Clermont-Ferrand.

Admitindo, pois, que o ensino ministrado nos *lycées* por Bergson não fosse algo despersonalizado, pois já expressava, mesmo que na forma de negação, o movimento da intuição fundamental bergsoniana, há, no entanto, ainda todo um trabalho de pesquisa a ser feito sobre o que ele contém de verdadeiramente pessoal. Segundo testemunho do próprio Bergson, alguns de

⁵⁶ BERGSON, H., 2006, p. 129. A intuição filosófica. In: *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, p. 123-148.

⁵⁷ BERGSON, H., 2006, p. 126. A intuição filosófica. In: *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, p. 123-148.

⁵⁸ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 58. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

⁵⁹ BERGSON, H., 2014, p. 48. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

⁶⁰ BERGSON, H., 2014, p. 384. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

⁶¹ BERGSON, H., 2014, p. 292. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

seus cursos *programáticos* eram baseados em suas anotações das lições de Émile Boutroux – seu antigo professor na *École Normale Supérieure*.⁶² Outras fontes habituais utilizadas no preparo das aulas incluíam os dois mais populares manuais de filosofia da época: o *Leçons de philosophie – Psychologie*, de Élie Rabier, e o *Traité Élémentaire de Philosophie à L’usage des Classes*, de Paul Janet⁶³. Philippe Soulez denomina esse material de *hipotextos* do ensino de Bergson e propõe a sua confrontação com os textos dos cursos secundários bergsonianos no intuito de determinar suas diferenças essenciais. Outra possibilidade seria comparar a utilização feita por Bergson desses hipotextos com a de outros jovens professores da época.⁶⁴ Tarefas que, até onde sabemos, permanecem por ser realizadas.

7. A relação entre os cursos programáticos e a obra

A próxima questão a ser enfrentada foi levantada pelo próprio Bergson em seu testemunho a Jean Guittou: qual a relação entre os cursos e as pesquisas realizadas pelo filósofo para a escrita de suas principais obras? Essa questão, na verdade, somente pode ser respondida no âmbito de uma questão mais ampla: qual a relação entre os cursos e a obra de Bergson (na qual essas pesquisas são expostas)?

No que concerne à relação dos cursos *programáticos* aos quais tivemos acesso⁶⁵, a leitura de ambos nos leva a dar crédito, no geral, ao testemunho de Bergson de diferenciar suas pesquisas de seu ensino. Para a análise que se segue, limitaremos nossa abordagem aos cursos secundários de psicologia, tendo em vista sua afinidade temática com as duas primeiras obras de Bergson. Cronologicamente, devemos relacionar os cursos ministrados em Clermont-Ferrand com o *Ensaio* e os do *lycée Henri-IV* com *Matéria e Memória*.

A comparação entre o *Curso de Psicologia* ministrado em Clermont-Ferrand⁶⁶ (doravante denominado *CP-CF*) e o *Ensaio* é pouco frutífera para os que buscam naqueles a antecipação das teses desenvolvidas nestes. Philippe Soulez aponta que não se encontra no material publicado por Henri Hude⁶⁷ “eco” da noção de duração e que, por outro lado, pode-se facilmente apontar as contradições entre ambos: é o caso, por exemplo, da formulação do

⁶² GUITTON, J., 1960, p. 68. *La vocation de Bergson*. Paris: Gallimard.

⁶³ CONCHE, M., 1996, p. 6. Bergson à Clermont. In: *L’enseignement philosophique*, v. 47, n. 2, p. 3 - 11

⁶⁴ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 62. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

⁶⁵ Não obtivemos cópia dos cursos sobre Fichte e sobre Leibniz ministrados na *École Normale Supérieure*.

⁶⁶ Nos referimos, aqui, ao curso publicado por Henri Hude e disponível em BERGSON, H., 2014. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

⁶⁷ O livro de Soulez & Worms (2002) é anterior à publicação das edições dos cursos de Raguianti e Matton.

problema da liberdade nos termos clássicos do livre-arbítrio e da própria definição de liberdade – concepções que serão rejeitadas no *Ensaio*.⁶⁸ Há, todavia, temas em comum entre a obra e o curso. Soulez cita, por exemplo, a discussão sobre o determinismo associacionista à maneira de Stuart Mill. Mas isso não chega a ser surpreendente dada a extensão do currículo filosófico escolar da época e sua ênfase na parte dedicada à psicologia.⁶⁹

Mesmo diante da pouca relação constatável entre o *CP-CF* e as noções que são mais caras à filosofia de Bergson, isso não o torna menos interessante, pois ele pode ser tomado como “a síntese do antigo espiritualismo, o pano de fundo sobre o qual se destaca por contraste a obra bergsoniana em formação”.⁷⁰ Lido assim, o *CP-CF* torna-se um importante fonte de consulta para o pesquisador do pensamento bergsoniano que busque um contexto histórico das discussões sobre psicologia, ou seja, o *status quaestionis* no âmbito mais geral da filosofia francesa do fim do século XIX e, mais particularmente, de sua vertente espiritualista.

Utilizamos essa estratégia metodológica em nossa dissertação de mestrado⁷¹, na qual lançamos mão da sugestão feita por Henri Hude de distinguir entre *Bergson*, o autor da obra, e o *professor Bergson*, que fala nos cursos, para destacar o contraste entre ambos.⁷² Tomando como base o *CP-CF*, mostramos como lá se expõe uma posição – majoritária à época – contrária à noção de inconsciente, uma herança do dualismo cartesiano baseada na afirmação da identidade *a priori* dos fatos psíquicos e dos fatos da consciência. Tanto é assim que, anos mais tarde, já lecionando no *lycée Henri-IV*, o professor Bergson aludirá à mesma posição e a atribuirá diretamente a Élie Rabier, autor de supracitado manual de filosofia.⁷³ Em seguida, procuramos mostrar que tal posição é considerada por Bergson em *Matéria e Memória* como um falso problema e que essa obra pode ser lida como uma tentativa de resolvê-lo, resultando, ao fim, na afirmação do inconsciente.

Já os cursos de psicologia ministrados no *lycée Henri-IV* são bem mais “bergsonianos” do que o de Clermont-Ferrand. Neles, os ecos do *Ensaio* são ouvidos em alto e bom som. Em uma aula sobre a liberdade, por exemplo, ele

⁶⁸ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 62. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

⁶⁹ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 63. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

⁷⁰ SOULEZ, P. & WORMS, F., 2002, p. 64. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.

⁷¹ FRÖES, H. Bergson em defesa do inconsciente: uma leitura de *Matéria e Memória*. Orientador: Evaldo Sampaio. 2018. 139 f., il. Dissertação (Mestrado em Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

⁷² HUDE, H., 2014, p. XXIX. Introdução. In: BERGSON, H. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. XIX - XXXIV.

⁷³ BERGSON, H., 2015, p. 162. *Cours de psychologie de 1892-1893*. Paris: Séha. O manual mencionado é: RABIER, E, 1884. *Leçons de philosophie* – Psychologie. Paris: Librairie Hachette et Cie.

refuta o determinismo psicológico com base na concepção qualitativa dos estados psicológicos e da consciência como um todo indivisível, ou seja, enquanto duração.⁷⁴ Na mesma ocasião, faz alusão à noção de eu profundo.⁷⁵ No curso do ano anterior, para explicar o caráter unitário da consciência, o professor Bergson utiliza-se da distinção entre multiplicidade numérica e qualitativa (denominadas, respectivamente, multiplicidade representada e vivida) realizada no *Ensaio*.⁷⁶

Mas, quando procuramos nesses cursos a antecipação das teses de *Matéria e Memória*, o resultado, à primeira vista, não é muito animador. “Tudo se passa como se Bergson não conhecesse ou não levasse em consideração os fatos psicológicos ou psicopatológicos que, alguns anos mais tarde, constituirão os materiais de *Matéria e Memória*”, avalia Alain Panero.⁷⁷ Esse comentador destaca, no entanto, que há uma insistência sobre a noção de imagem e uma perspectiva de uma espécie de autoconstituição de certos centros de imagens que ajudam a esclarecer o enigmático primeiro capítulo da obra supra-citada. Para Panero, o percurso crítico das teorias filosóficas e psicológicas efetuado no curso nos ajudaria a reinterpretar os primeiros movimentos de *Matéria e Memória* não como tradicionalmente se faz – como uma espécie de redução fenomenológica ou de prefiguração de um campo transcendental – mas sim como o resultado da passagem em revista e do esgotamento de todas as teorias filosóficas e mesmo psicológicas das sínteses sensíveis e intelectuais.

A interpretação de Panero nos fornece uma chave de leitura para os cursos de psicologia ministrados no *lycée Henri-IV*: não devemos buscar neles os materiais das pesquisas que serão trabalhados em *Matéria e Memória*, como, por exemplo, as questões das afasias ou das localizações cerebrais. Até porque sua especificidade não seria compatível com os objetivos propedêuticos de um curso secundário. O que os torna interessantes é o fato deles nos permitirem acompanhar as intuições de Bergson – que serão desenvolvidas em *Matéria e Memória* – confrontando-se diretamente com a tradição filosófica e com as teorias psicológicas da época, em uma espécie de laboratório no qual o professor Bergson vai descobrindo as aporias que tentará superar em seu segundo livro.

⁷⁴ BERGSON, H., 1992, p. 256. *Cours II: Leçons d'esthétique à Clermont Ferrand. Leçons de morale, psychologie et métaphysique au lycée Henri-IV*. Paris: Presses Universitaires de France.

⁷⁵ BERGSON, H., 1992, p. 254-255. *Cours II: Leçons d'esthétique à Clermont Ferrand. Leçons de morale, psychologie et métaphysique au lycée Henri-IV*. Paris: Presses Universitaires de France.

⁷⁶ BERGSON, H., 2015, p. 150. *Cours de psychologie de 1892-1893*. Paris: Séha.

⁷⁷ PANERO, A., 2015, p. 12. Introduction (tradução nossa). In: BERGSON, H. *Cours de psychologie de 1892-1893 au lycée Henri-IV*. Paris: Séha, p. 5-37.

O problema da relação entre a obra e o ensino de Bergson complexifica-se e assume novas configurações quando nos voltamos para os cursos *livres*, o que faremos a seguir.

8. A relação entre os cursos livres e a obra

Se dermos crédito ao testemunho supracitado de Bergson, ele mantém, mesmo no *Collège de France*, a regra de não extrair de suas pesquisas o tema direto de seus cursos. Estranha afirmação essa, se levarmos em conta a justificativa que Bergson utiliza para pedir a sua transferência da cadeira de Filosofia Grega e Latina para a de Filosofia Moderna.

Em carta endereçada ao administrador da instituição, Bergson inicia por afirmar que nos quatro anos passados como professor do *Collège de France* não deixou de se esforçar para trazer “o mais perto possível meu ensino do meu trabalho pessoal”.⁷⁸ Mesmo assim, reconhece, manteve-se uma lacuna considerável entre o ensino voltado a aprofundar o pensamento dos filósofos antigos e a pesquisa voltada aos problemas da filosofia moderna confrontados com a ciência positiva. Bergson reclama então que seus cursos mantém uma relação distante com o seu trabalho, lembrando que foi esse que lhe garantiu seu lugar na instituição. Assim, conclui que a sua transferência teria como objetivo lhe permitir ensinar “de maneira direta, sem restrição, com a maior precisão possível” o ensino que se esperava dele no momento de sua eleição.⁷⁹ Ou bem Bergson estaria enganando seus colegas para obter a sua transferência para a cadeira de Filosofia Moderna ou aqueles juízos sobre a ausência de vínculo entre seus cursos no *Collège de France* e suas pesquisas devem ser entendidas não como uma pedagogia geral, mas como parte de um aconselhamento específico a um colega e discípulo.

E o que se esperava de um professor do *Collège de France*? Para o próprio Bergson, o papel e a razão de ser da instituição era a de permitir que seus verdadeiros pesquisadores expusessem ao público o resultado de seus trabalhos pessoais.⁸⁰ Por isso, como propõe Camille Riquier, não se deve retirar da restrição expressa por Bergson mais do que ela contém. Se, de fato, ele não extraía de suas pesquisas o objeto direto dos cursos, isso não significa que ele não utilizava suas pesquisas passadas como tema direto de seus cursos

⁷⁸ BERGSON, H, 1972, p. 637-638. *Mélanges*, (tradução nossa). Paris: Presses Universitaires de France.

⁷⁹ BERGSON, H., 1972, p. 638. *Mélanges* (tradução nossa). Paris: Presses Universitaires de France.

⁸⁰ MOSSÉ-BASTIDE, R. M., 1955, p. 64. *Bergson éducateur*. Paris: Presses Universitaires de France.

ou mesmo que ele não extraísse de suas pesquisas do momento temas indiretos dos cursos.⁸¹

A primeira prática é patente em pelo menos dois dos quatro cursos *livres* recentemente publicados. Naquele dedicado à *Histoire des théories de la mémoire*. (1903-1904), Bergson retoma os temas centrais já desenvolvidos em *Matéria e memória*, tais como o da distinção entre lembrança-pura e lembrança-imagem, o da crítica às teorias associacionistas na explicação do fenômeno do reconhecimento, a teoria dos planos de consciência, dentre outros.⁸² Já no curso sobre *L'évolution du problème de la liberté* (1904-1905), ele revisita algumas das análises desenvolvidas no *Ensaio*, tais como as referentes à indefinibilidade constitutiva da liberdade e à caracterização parcial (convencional, ou melhor dizendo, simbólica) do princípio de conservação de energia.⁸³

No que se refere ao segundo tipo de prática apontado por Riquier, seria preciso um tipo de pesquisa mais minuciosa, a partir de diários, cartas, marginalias, dentre outros, para tentar se estabelecer a relação factual entre as pesquisas de um determinado momento desenvolvidas por Bergson e temas indiretos dos cursos que ele estivesse ministrando, o que transcende os limites desse artigo. Mas temos indícios dessa prática *a posteriori*: em pelo menos dois textos, o próprio Bergson nos indica que o que será exposto são resultados de pesquisas obtidos anteriormente no âmbito de sua atividade docente no *Collège de France*.⁸⁴

Há diversos exemplos da relação direta entre os cursos *livres* e a obra de Bergson, como bem destacam os editores desse material. Gabriel Meyer-Bisch aponta que no curso sobre *L'idée de temps* (1901-1902) encontra-se antecipações do que será posteriormente desenvolvido no artigo *Introdução a metafísica*, a saber, que o estudo do tempo não só supõe uma crítica do conhecimento como conduz à formação de um método capaz de reabilitar a metafísica.⁸⁵ O curso também antecipa uma linha de investigação d'*A evolução criadora* à medida em que o estudo da duração nos leva a considerar o mundo

⁸¹ RIQUIER, C., 2016. Présentation. In: BERGSON, H. *Histoire de l'idée de temps. Cours au Collège de France 1902 - 1903*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁸² FRANÇOIS, A., 2018. Présentation: de la mémoire à la liberté. In: BERGSON, H. *Histoire des théories de la mémoire: Cours au Collège de France (1903-1904)*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁸³ FRANÇOIS, A., 2017. Présentation: vie et liberté. In: BERGSON, H. *L'évolution du problème de la liberté: Cours au Collège de France (1904-1905)*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁸⁴ Cf. BERGSON, H., 2005, p. 295. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes. Ver também BERGSON, H., 2009, p. 82. *A energia espiritual*. São Paulo: Martins Fontes.

⁸⁵ MEYER-BISCH, G., 2019. Présentation. In: BERGSON, H. *L'idée de temps: Cours au Collège de France (1901-1902)*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

como constituído por um espaço heterogêneo e por durações desigualmente tensas e ricas. Já Arnaud François destaca no curso sobre *L'évolution du problème de la liberté* (1904-1905) algumas antecipações da grande obra tardia de Bergson – *As duas fontes da moral e da religião* –, tais como o retrato de Sócrates como o primeiro filósofo a ter a intuição da liberdade ao mesmo tempo que o portador de uma emoção do tipo mística.⁸⁶

Em resumo, a relação entre os cursos e a obra é variada e complexa: generalizando nossos achados, poderíamos dizer que ela é, no máximo, incipiente no que concerne aos cursos do *lycée Blaise-Pascal* em relação ao *Ensaio*. Já no que diz respeito ao *lycée Henri-IV*, o professor Bergson não se constrange em retomar noções e argumentos desenvolvidos em seu primeiro livro, mas, no entanto, pouco antecipa o que será apresentado em *Matéria e Memória*. De qualquer modo, é sempre uma relação mediada pelas obrigações institucionais e pelas imposições do currículo escolar.

Já entre os cursos *livres* e a obra, a relação é mais direta e enriquecedora: dos cursos são aproveitados diretamente resultados ou, indiretamente, percursos de pesquisa. Da obra são retomados temas e argumentos que muitas vezes são reanalisados, estendidos ou desenvolvidos, como veremos a seguir.

Considerações finais

Bergson tem uma visão um tanto pessimista do discurso filosófico. A tentativa de expressar a intuição original, desenvolvida por toda uma obra, acaba sempre por falhar. Como lembra Frédéric Worms, a intuição filosófica escapa não só a sua expressão, como também à linguagem e mesmo às imagens que pretendem melhor expressá-la e que acabam sendo apenas um caminho privilegiado para nos aproximar da intuição original.⁸⁷

Mesmo diante dessa lacuna insuperável entre o pensamento bergsoniano e a sua expressão, é possível distinguir, de acordo com Worms, entre *duas espécies de lacuna*, diferença dada pela tensão a que é submetida a intuição filosófica em seu esforço de expressão: ela é positiva, por um lado, no processo de composição de um livro, tomado como objeto de expressão privilegiado, pois

⁸⁶ FRANÇOIS, A., 2017. Présentation: vie et liberté. In : BERGSON, H. *L'évolution du problème de la liberté: Cours au Collège de France (1904-1905)*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁸⁷ WORMS, F., 2014, p. 22. Bergson professeur et la philosophie de Bergson. In: PANERO, A.; MATTON, S.; DELBRACCIO, M. *Bergson professeur*. Louvain-la-neuve: Peeters, p. 17-30.

(...) é o privilégio do esforço de pesquisa, explicitamente apresentado como tal, de uma unidade provisória, *não de uma intuição definitiva*, mas, ao menos, sobre um problema preciso, a unidade de uma tese ou de uma posição central que anima do interior a diversidade de um percurso e de um questionamento.⁸⁸

Nos livros, portanto, a unidade da intuição é dada sob tensão quanto aos materiais neles trabalhados. Em contrapartida, nas outras expressões do pensamento bergsoniano, nos quais incluem-se outros escritos e também os cursos, faltam-lhes justamente essa unidade da intuição tensionada, que ou está por vir (no caso de materiais preparatórios para os livros) ou já foi alcançada (tratando-se, portanto, de aplicações da intuição, uma vez alcançada). Há, assim, para Worms, uma verdadeira diferença de natureza entre os livros e as outras expressões filosóficas de Bergson:

Segue-se daí uma primeira regra de leitura para os outros textos de Bergson que não sejam os seus livros, e notadamente para os cursos, à saber, que nos obriga a lê-los *a partir dos livros*. Com efeito, os livros mantêm em Bergson o estatuto de focos luminosos que, certamente, não projetam uma luz absoluta sobre todos os outros textos, mas que deixam transparecer uma tensão e uma pesquisa da intuição que preparam e precedem toda interpretação. (...) É nos livros de Bergson que se encontra a filosofia de Bergson, não no sentido de um sistema ou de uma verdade dogmática, nem no sentido de que não há nada para além deles, e sim no sentido de que são neles que se encontra o foco de uma pesquisa que ilumina todo o resto, esse resto aparecendo, aliás, em termos desse esforço da intuição e da pesquisa, mas como em um grau mais baixo de esforço – e nós sabemos que para Bergson as diferenças de grau são diferenças de natureza.⁸⁹

Se os cursos devem ser lidos a partir dos livros, expressões privilegiadas, mas não exclusivas, do pensamento filosófico de Bergson, devemos esperar que aqueles também possam nos auxiliar, em um movimento de retorno, na leitura destes. É comum, por exemplo, Bergson estender-se nos cursos sobre tópicos que serão abordados de modo muito mais sintético nos livros. Nesses casos, defende Camille Riquier, os cursos nos ajudariam a

⁸⁸ WORMS, F., 2014, p. 23. Bergson professeur et la philosophie de Bergson (tradução nossa). In: PANERO, A.; MATTON, S.; DELBRACCIO, M. *Bergson professeur*. Louvain-la-neuve: Peeters, p. 17-30.

⁸⁹ WORMS, F., 2014, p. 24. Bergson professeur et la philosophie de Bergson (tradução nossa). In: PANERO, A.; MATTON, S.; DELBRACCIO, M. *Bergson professeur*. Louvain-la-neuve: Peeters, p. 17-30.

confirmar o sentido que se deve dar a uma determinada passagem cuja brevidade a deixava aberta a diversas interpretações.⁹⁰

Ao servir como espécie de “laboratório” indireto para parte de suas pesquisas, os cursos nos ajudam a lançar luzes sobre detalhes do percurso dessas, das quais os livros nos trazem apenas indicações. A título de exemplo, podemos citar como o curso sobre a *Histoire de l'idée de temps* (1902-1903) faz transparecer a importância que Bergson conferia à filosofia de Plotino na história da metafísica, importância que sua quase virtual ausência no famoso Capítulo IV d'*A Evolução Criadora* torna difícil mensurar. Riquier levanta a hipótese de que a menção a Plotino foi praticamente apagada para melhor servir de prisma por meio do qual Bergson pôde ler o conjunto dos grandes sistemas filosóficos.⁹¹

Os cursos também são pródigos em mostrar aplicações dos resultados alcançados nos livros. Arnaud François chama a atenção, por exemplo, para o desenvolvimento feito no curso sobre *Histoire des théories de la mémoire* (1903-1904) da relação entre as doenças e os planos de consciência que é pouco explorada em *Matéria e memória*, bem como das análises feitas sobre os efeitos da atenção na percepção que, segundo ele, não se encontram em nenhuma parte nos trabalhos de Bergson.⁹²

Philippe Soulez utiliza metáforas do campo musical para estabelecer a relação entre os cursos e a obra de Bergson: segundo ele, o ensino bergsoniano seria como uma interpretação de uma partitura, ou seja, de sua própria obra publicada.⁹³ Desenvolvendo a metáfora, podemos dizer que nos cursos *programáticos*, Bergson age mais como um instrumentista de orquestra, seguindo o mais rigorosamente possível a partitura de uma canção cuja partitura já está dada (na forma do currículo, de seus conteúdos e das obrigações institucionais). Mesmo assim, reconhecemos a voz própria de seu instrumento, um estilo pessoal que se impõe na interpretação. Já nos cursos *livres*, temos um Bergson que é intérprete de suas próprias canções: ele toca seu repertório com certa liberdade de improvisação (sem, no entanto, chegar ao ponto de desconstruir a melodia ou alterar o ritmo da canção), nos permitindo entrever variações “melódico-conceptuais” e notas autorizadas pelo harmonia

⁹⁰ RIQUIER, C., 2016. Présentation. In : BERGSON, H. *Histoire de l'idée de temps. Cours au Collège de France 1902 -1903*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁹¹ RIQUIER, C., 2016. Présentation. In: RIQUIER, C. *Histoire de l'idée de temps. Cours au Collège de France (1902 -1903)*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁹² FRANÇOIS, A., 2018. Présentation: de la mémoire à la liberté. In: FRANÇOIS, A. *Histoire des théories de la mémoire: Cours au Collège de France (1903-1904)*. Paris: Presses Universitaires de France (extrato da versão eletrônica).

⁹³ SOULEZ, P.; WORMS, F., 2002, p. 97. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

da música. Nossa tarefa agora, enquanto pesquisadores do pensamento bergsoniano, é explorar essas variações de uma melodia que ainda nos fascina e nos convoca para o exercício infundável da reflexão filosófica.

Referências

- ABÍLIO, R. C. Nota do tradutor. In: ABÍLIO, R. C. *Aulas de Psicologia e de Metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- ADÈS, E. *Adès chez Bergson, Reliques inconnues d'une amitié*. Edmond Albert Adès ed. Paris: Edição do autor, 1949.
- AZOUVI, F. *La gloire de Bergson*. Paris: Gallimard, 2007.
- BERGSON, H. *Mélanges*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.
- _____. *Cours II: Leçons d'esthétique à Clermont Ferrand. Leçons de morale, psychologie et métaphysique au lycée Henri-IV*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- _____. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. "A intuição filosófica". In: BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 123-148.
- _____. *A energia espiritual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. *Aulas de Psicologia e de Metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- _____. *Cours de psychologie de 1892-1893*. Paris: Séha, 2015.
- BOURGEOIS, B. Préface. In: BOURGEOIS, B. *Bergson Professeur*. Louvain-La-Neuve: Peeters, 2014, p. 1-2.
- CAPPELLO, M. A. C. "Aula de Bergson 'As teorias da Alma em Descartes', Lycée Henri-IV, 1894". In: *Dissertatio*, v. Suplementar 4, n. Dossiê Bergson, p. 223-243, Dezembro 2016.
- CHEVALIER, J. *Bergson*. Paris: Plon, 1926.
- COLLÈGE DE FRANCE. Collège de France. Disponível em: <<https://www.college-de-france.fr/site/fr-about-college/index.htm>>. Acesso em: 19 Abril 2020.
- CONCHE, M. Bergson à Clermont. In: *L'enseignement philosophique*, v. 47, n. 2, p. 3 - 11
- D'AMIENS, A. Les programmes de philosophie de 1865 à 1960. In: *Académie d'Amiens - Philosophie*. Disponível em: <<http://philosophie.ac-amiens.fr/240-les-programmes-de-philosophie-de-1865-a-1960.html>>. Acesso em: 19 Julho 2020.
- DE VISAN, T. *L'attitude du lyrisme contemporain*. Paris: Mercure de France, 1911.

- DOLBEAULT, J. Compte rendu: Henri Bergson, L'idée de temps. Cours au Collège de France 1901-1902. Paris, Presses Universitaires de France, 2019, 256 pages. In: *Philosophiques*, v. 46, n. 2, p. 444-448, 2019.
- FABIANI, J.-L. *Les philosophes de la république*. Paris: Les éditions de minuit, 1988.
- FRANCE, C. D. Collège de France – Institution. Collège de France. Disponível em: <<http://www.college-de-france.fr/site/institution/index.htm>>. Acesso em: 19 Julho 2020.
- FRANÇOIS, A. Présentation: vie et liberté. In: FRANÇOIS, A. *L'évolution du problème de la liberté: Cours au Collège de France (1904-1905)*. Paris: Presses Universitaires de France, 2017.
- _____. Présentation: de la mémoire à la liberté. In: FRANÇOIS, A. *Histoire des théories de la mémoire: Cours au Collège de France (1903-1904)*. Paris: Presses Universitaires de France, 2018.
- FRÓES, H. *Bergson em defesa do inconsciente: uma leitura de Matéria e Memória*. Orientador: Evaldo Sampaio. 2018. 139 f., il. Dissertação (Mestrado em Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- GOUHIER, H. Avant-propos. In: ROBINET, A. *Mélanges*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972, p. VII - XXII.
- _____. Prefácio. In: BERGSON, H. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, p. IX - XVIII.
- GRAYEFF, F. The Problem of the Genesis of Aristotle's Text. In: *Phronesis*, v. 1, p. 105-122, 1956. ISSN 2.
- GUITTON, J. *La vocation de Bergson*. Paris: Gallimard, 1960.
- HAMESSE, J. Les Problemes poses par l'edition critique des reportations. In: *Franciscan Studies*, v. 46, p. 107-117, 1986.
- HUDE, H. *Bergson I*. Paris: Editions Universitaires, 1989.
- _____. Les cours de Bergson. In: HUDE, H. *Bergson: naissance d'une philosophie*. Paris: Presses universitaires de France, 1990. p. 23-42.
- _____. Introduction. In: HUDE, H. *Cours II: Leçons d'esthétique à Clermont-Ferrand. Leçons de morale, psychologie et métaphysique au lycée Henri-IV*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. p. 5-13.
- _____. Introdução. In: BERGSON, H. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, p. XIX - XXXIV.
- JANKÉLÉVITCH, V. *Henri Bergson*. Durham: Duke University Press, 2015.
- LANGLOIS, C.-V. La licence ès lettres. In: *Revue internationale de l'enseignement*, v. 25, p. 133-156, jan-jun 1893.
- MARCHAND, P. (Ed.). *L'histoire et la géographie dans l'enseignement secondaire. Textes officiels. Tome 1: 1795-1914*. Paris: Institut national de recherche pédagogique, v. Bibliothèque de l'Histoire de l'Éducation, 8, 2000.

- MATTON, S. Bibliographie des Cours de Bergson. In: PANERO, A. MATTON, S.; DELBRACCIO, M. *Bergson Professeur*. Louvain-la-neuve: Peeters, 2014. p. 299-306.
- _____. Note sur le manuscrit et la datation du Cours de psychologie de 1892-1893. In: MATTON, S. *Cours de psychologie de 1892-1893 au lycée Henri-IV*. Paris: Séha, 2015. p. 39-54.
- _____. Remarques critiques sur l'édition du cours de Bergson au Collège de France sur l'Histoire de l'idée de temps (1902-1903). In: *Kritikon Litterarum*, v. 44, p. 60-77, 2017.
- MEYER-BISCH, G. Présentation. In: MEYER-BISCH, G. *L'idée de temps: Cours au Collège de France (1901-1902)*. Paris: Presses Universitaires de France, 2019.
- MOSSÉ-BASTIDE, R. M. *Bergson éducateur*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.
- NICOLAS, S. Les cours de psychologie au XIX siècle. Suivi de critiques de Bergson contre Jouffroy et Fechner. In: NICOLAS, S. *Bergson Professeur*. Louvain-La-Neuve: Peeters, 2014. p. 231-256.
- PANERO, A. . M. S. . D. M. Avant-propos. In: PANERO, A.; MATTON, S.; DELBRACCIO, M. *Bergson professeur*. Leuven: Peeters, 2014. p. 3-13.
- _____. Introduction. In: MATTON, S. *Cours de psychologie de 1892-1893 au lycée Henri-IV*. Paris: Séha, 2015. p. 5-37.
- RABIER, E. *Leçons de philosophie – Psychologie*. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1884.
- RAGGHIANI, R. Avant-propos. In: RAGGHIANI, R. *Leçons Clermontoises I*. Paris: L'Harmattan, 2003. p. 9-19.
- RIQUIER, C. Présentation. In: RIQUIER, C. *Histoire de l'idée de temps. Cours au Collège de France 1902 -1903*. Paris: Presses Universitaires de France, 2016.
- ROBINET, A. L'oeuvre de Bergson: et maintenant? In: WORMS, F. *Annales bergsoniennes I*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002, p. 267-278.
- RONCHI, R. Six questions à Arnaud François et Camille Riquier. In: *Lo Sguardo*, v. 26, settembre 2018.
- ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SOULEZ, P.; WORMS, F. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.
- VERDEAU, P. Le programme de philosophie (en terminale) entre la déférence et la recherche: esprit d'une époque : Approche d'une histoire des programmes de philosophie (Première partie). In: *L'enseignement philosophique*, 62A, 2012, p. 28-55

WORMS, F. Introduction. In: WORMS, F. *Annales bergsoniennes III: Bergson et la Science*. Paris: Presses Universitaires de France, 2007, p. 7-24.

_____. Bergson professeur et la philosophie de Bergson. In: PANERO, A.; MATTON, S.; DELBRACCIO, M. *Bergson Professeur*. Louvain-la-neuve: Peeters, 2014. p. 17-30.

Email: henrique.froes@gmail.com

Email: evaldosampaio@unb.br

Recebido: 03/2021

Aprovado: 08/2022